



PIBIC/CNPq/UFCEG-2013

IMPrensa, TRAbalho E TRAbalHAdores Em Campina Grande – PB (1957-1980)

Danilo Rodrigues Souza ¹, Severino Cabral Filho ².

RESUMO

A pesquisa em arquivos é o caminho que muitos graduandos do curso de História percorrem para alimentar suas ambições no que respeita ao seu futuro acadêmico. Estimulados por projetos de pesquisa científica ou pelo desejo de produzir saberes históricos, nos aventuramos pelos ironicamente chamados “arquivos mortos” de instituições as mais diversas como arquivos e acervos públicos ou particulares. Nestas circunstâncias, pretendemos relatar os resultados obtidos com o nosso trabalho no arquivo do jornal Diário da Borborema para atender às demandas do projeto de pesquisa intitulado “Imprensa, trabalho e trabalhadores em Campina Grande-PB (1957-1980)” que foi desenvolvido entre julho de 2012 e julho de 2013. Entre as demandas não previstas pelo projeto, mas necessárias para continuação do mesmo, que estarão dispostas a seguir, apresentaremos os esforços necessários para a digitalização deste arquivo, que sob ameaça de fechamento para o acesso público, comprometeria não só esta pesquisa, mas tantas outras desenvolvidas pelos alunos do curso de História da UFCEG. A digitalização de tal arquivo foi priorizada em detrimento, ao menos em um primeiro momento, da própria análise do material colhido, onde uma bibliografia que auxiliaria no trabalho com arquivos e com periódicos foi adicionada, facilitando a abordagem do jornal e o desenvolvimento de uma metodologia para digitalização de um arquivo tão extenso em tempo hábil.

PALAVRAS-CHAVES: Pesquisa histórica; Jornal Diário da Borborema; Campina Grande.

ABSTRACT

The archival research is the way that many graduate students of the History roam to feed their ambitions with regard to their academic future. Encouraged by scientific research projects or the desire to produce historical knowledge, we ventured by ironically called "dead files" of the most diverse institutions such as archives and collections public or private. Under these circumstances, we intend to report the results obtained with our work in the archives of the newspaper Diário da Borborema to meet the demands of the research project entitled "Imprensa, trabalho e trabalhadores em Campina Grande-PB (1957-1980)" that between July 2012 and July of 2013, was developed. Among the demands are not provided by the project, but necessary for continuation of the same that will be willing to follow, we present the efforts needed for the digitization of this file, which under threat of closure to public access would compromise not only this research, but many other developed in our academic center. As a solution, the scanning of such file was prioritized at the expense, at least at first, its own analysis of the collected material, where a bibliography that would assist in working with files and journals was added, making the approach and development of the journal a methodology for scanning a file so extensive in time.

KEYWORDS: Historical Research; Daily Journal Borborema (Jornal Diário da Borborema); Campina Grande.

¹ Aluno graduando do curso História, Unidade Acadêmica de História, UFCEG, Campina Grande, PB, E-mail: danilorodrigues.ufcg@gmail.com

² História, Professor. Doutor, Unidade Acadêmica de História, UFCEG, Campina Grande, PB, E-mail: cabralf@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho em Campina Grande, Paraíba, sempre foi símbolo de orgulho, representando na maioria das vezes, o motor de impulso e desenvolvimento urbano, e por isso, em muitos momentos de sua história, recebeu grande destaque regional e nacional. Hoje, para além de detentora do “Maior São João do Mundo”, esta cidade paraibana que também se outorgou o título de “capital do trabalho”, se viu desde sua fundação, a partir tropeiros da Borborema, impregnada pelo comércio, pelo trabalho e pela constante circulação de pessoas e mercadorias. Chamada também de “Liverpool brasileira” pelos seus homens de letras logrou destacar-se como grande exportadora de algodão; logrou ainda o desenvolvimento de uma considerável produção têxtil. Assim, o trabalho como motor de fundação e funcionamento de Campina Grande pode mais uma vez ser destacado como consequência dos progressivos melhoramentos técnicos que as indústrias algodoeiras necessitaram ao longo de seus crescimentos. Mas foi em outro momento que seu setor industrial foi “efetivado”.

Neste mesmo contexto histórico, mais exatamente no dia 2 de outubro de 1957, nascia em Campina o jornal *Diário da Borborema* (DB), com uma origem já forte, observado que ele fazia parte dos Diários Associados, grupo gerenciado pelo jornalista e político paraibano Assis Chateaubriand. Em suas primeiras páginas, os primeiros aparatos para a modernização industrial da cidade eram noticiados, dando os passos necessários para o projeto industrial que seria colocado em prática a seguir.

No final da década de 1950, importantes novidades para a cidade e para todo o país deslancharam graças à ascensão de Juscelino Kubitschek à presidência da República que, com seu Plano de Metas, tinha como objetivo impulsionar o Brasil a crescer e se desenvolver “cinquenta anos em cinco”. Além dos recursos públicos, organizou e financiou a criação da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) no ano de 1959 que, por sua vez, tinha como um dos principais objetivos a idealização, manutenção e o financiamento de políticas que pudessem acelerar a industrialização em uma das áreas mais deficientes neste setor, o Nordeste. Com isso, ele objetivava um nivelamento socioeconômico das regiões brasileiras.



Diário da Borborema – 07 de fevereiro de 1963. Nº 1743 pg. 2

Deste plano de desenvolvimento Campina Grande se vê beneficiada experimentando, a partir do início da década de 1960, algo inédito em sua indústria que até então tinha caminhado a passos quase artesanais. Assim como em outras regiões do país as primeiras indústrias tecnicamente modernas começam a aportar na Rainha da Borborema que, em pouco tempo, se responsabilizou por boa parte da mão de obra campinense.

O ápice desta industrialização campinense se deu no ano de 1967 com a chegada da indústria Wallig Nordeste S/A – Indústria e Comércio, grande empresa de origem gaúcha, que atuava no ramo de fogões a gás, exportando para vários países da América Latina, sendo assim uma das principais indústrias do país. Diante do que isso poderia representar simbolicamente para a elite campinense, a então capital do trabalho ganhava também entre seus “títulos”, a honra de manter em seu parque industrial a “rainha das indústrias” representada pela Wallig. Desta forma, se a chegada da Wallig em Campina Grande sinalizava o esforço necessário para que a cidade deslanchasse de vez em seu âmbito industrial, a sua desativação no ano de 1979 delineava a derrocada deste processo.

Assim, este artigo foi construído tomando como base os resultados obtidos no projeto de pesquisa PIBIC/ CNPq/ UFCC 2012-2013 “Imprensa, Trabalho e Trabalhadores em Campina Grande – PB (1957-1980)”, que partiu da análise do jornal *Diário da Borborema* e tem como intuito apresentar os resultados que obtivemos: o processo de pesquisa, metodologia de digitalização, coleta das fontes e organização das mesmas.

Desenvolvido desde o segundo semestre de 2012 até o primeiro semestre de 2013, graças aos esforços do bolsista Danilo Rodrigues Souza, sob orientação do Prof. Dr. Severino Cabral Filho, este projeto de pesquisa teve como objetivo principal analisar o trabalho e o trabalhador industrial campinense a partir dos olhares e das representações que, entre os anos de 1957 e 1980, configuraram espaços nas reportagens e fotorreportagens deste jornal membro até então dos Diários Associados.

Ao mesmo tempo que nos deparamos com as dificuldades de acesso ao arquivo – que serão descritas mais a frente – nos obrigamos também ao encargo de digitalizar e organizar tal material analisado, facilitando o desenvolvimento de futuras pesquisas que pudessem se valer deste material tão rico e diverso, o que acabou mudando o foco do projeto. Sendo assim, neste primeiro ano de pesquisa científica, onde foi previsto a análise de discursos e as representações sobre a indústria em Campina Grande, desenhadas sob o espectro do desenvolvimento econômico e impulso industrial necessário para o Brasil na época, em especial, para o Nordeste, tivemos que também nos focar no trabalho e no cuidado de lidar com tal fonte escolhida. Como consequência, uma série de referências bibliográficas foram escolhidas para nos auxiliar no trabalho com arquivos, na valorização da fonte para o historiador e no trato do periódico com tal, este que muitas vezes se vê localizado em arquivos hostis que atrasam o ritmo da pesquisa.

METODOLOGIA

Diante dos estudos desenvolvidos sobre arquivos e fontes historiográficas, podemos construir uma expectativa para os primeiros dias de trabalho no arquivo do Diário da Borborema. Algo que de certa forma nos impactou ao encontrar um ambiente mais acolhedor que as previsões que tínhamos sobre ele. Salas climatizadas, jornais encadernados e organizados por data, mesas disponíveis para a acomodação dos volumes, funcionários interessados e preocupados com a preservação do lugar e dos documentos, entre eles “Seu Bui”, que há 16 anos desempenha o trabalho de manutenção do arquivo. Nas conversas com ele, podemos perceber que a muito tempo o arquivo tem sido local de pesquisa para muitos historiadores anteriores a nós, o que de certa forma nos dá uma certeza do valor que tal fonte tem para a construção de representações do passado da Paraíba, mais especificamente da cidade Campina Grande.

Munidos com papel, caneta e uma câmera digital de média qualidade, além de alguns instrumentos de segurança como luvas e máscaras, que nos protegeram do contato direto com a fonte e os possíveis malefícios que um impresso tão antigo pode trazer consigo, tínhamos como proposta metodológica até então, a leitura dos jornais, analisando minuciosamente os conteúdos das reportagens, suas fotografias, legendas e localização dentro do próprio jornal. Em seguida, o material colhido era organizado no computador com o intuito de formar um arquivo.

Desta forma, o primeiro método de pesquisa se desenvolveu da seguinte maneira:

1. Leitura do jornal: consistia em simplesmente promover uma leitura rápida, mas cuidadosa das reportagens presentes no diário, identificando sempre que possível reportagens pertinentes à pesquisa e aos sentidos que ela poderia desenvolver. Assim, buscava-se no mínimo algo sobre trabalho e trabalhadores do ramo industrial, sendo este horizonte ampliado cada vez mais, englobando também reportagens sobre o aporte de grandes nomes da indústria nacional e internacional no momento, a construção e os interesses políticos ao financiar obras de suma importância para o desenvolvimento do setor industrial campinense, como a construção do Açude de Boqueirão, editais de concursos para atuação no setor industrial, lembretes destinados à empregados faltosos – onde muitas vezes, o nome de tal funcionário era citado, provavelmente causando constrangimentos; reportagens que mencionavam a fundação de órgãos como o Serviço Social da Indústria (SESI), a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP) e os novos cursos disponibilizados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) com o intuito de formar novos profissionais capacitados para as diferentes funções desempenhadas nas novas indústrias atuantes em Campina Grande, etc. Desta forma, dentre todas as reportagens presentes nos exemplares do Diário da Borborema, buscava-se destacar somente aquelas que de alguma forma pudessem nos remeter ao conjunto de interesses previstos no projeto de pesquisa.



Diário da Borborema – 02 de outubro de 1957. Nº1 Caderno V pg. 5

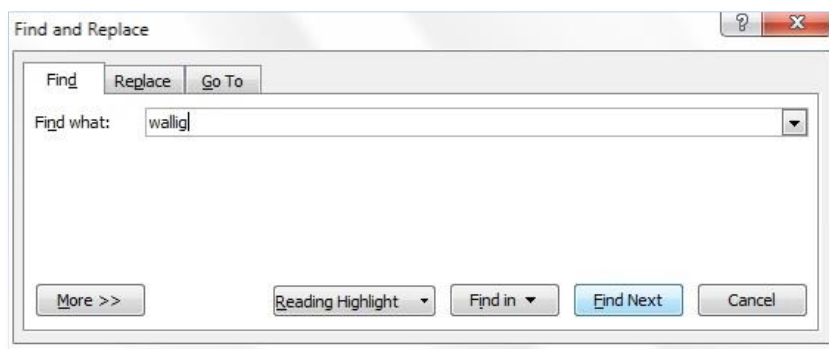
2. Digitalização das reportagens: era feita sempre que uma reportagem interessante à pesquisa era identificada, a partir da fotografia da mesma com uma câmera digital comum. Focando apenas o espaço que a reportagem se localizava, procurava-se assim trazer para o plano digital tal reportagem, facilitando seu acesso em outro momento. Para, além disso, promover também o acesso às possíveis fotos que ilustravam a notícia, que muito provavelmente, se tornariam necessárias na construção de trabalhos acadêmicos que tomassem esta pesquisa como base.

3. Fichamento das reportagens: a cada reportagem identificada e digitalizada, era feito um fichamento das mesmas, seus conteúdos esmiuçados da melhor forma possível e suas fotografias interpretadas diante da leitura e reconhecimento do jornal como um todo. Assim, a interpretação da reportagem considerava como aquela notícia se localizava dentro do jornal diante de tantos outros acontecimentos ali representados. Isso facilitava a entender as notícias num âmbito maior, auxiliando a desvendar o contexto histórico.

4. Catalogação das reportagens: após todo este processo de leitura, digitalização e fichamento, tais reportagens eram catalogadas a partir de seus conteúdos. Assim, organizando em apenas um arquivo no formato *Word* todos os fichamentos digitados, seria possível a partir da ferramenta “Buscar”, identificar determinadas reportagens a partir de palavras-chaves contidas em seu determinado fichamento. Desta forma, como exemplo, caso fosse necessário encontrar uma reportagem ou todas as reportagens que tratassem da Wallig, seria necessário apenas digitar na caixa de pesquisa “wallig” e todos os fichamentos que de alguma forma se remetessem a tal empresa seriam destacados pelo programa. A seguir, uma imagem ilustrando tal ferramenta presente no programa *Word*.



Ferramenta “Buscar” (“Find”, em inglês) do Word

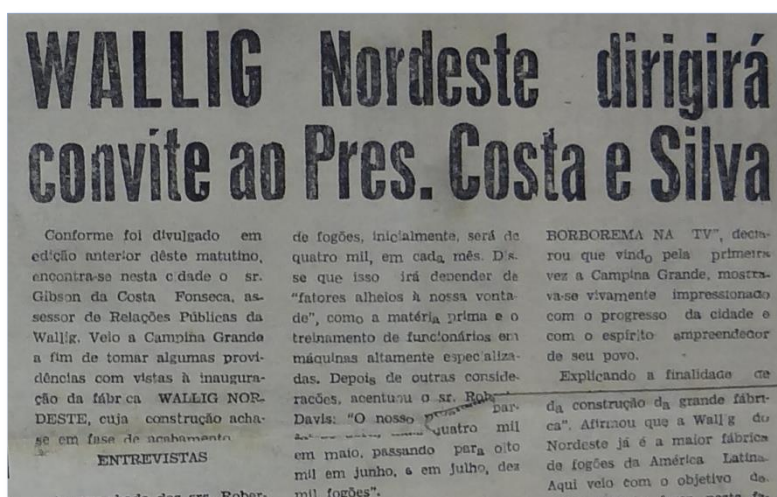


Caixa de pesquisa, como no exemplo, buscando pela palavra-chave “wallig”

5. Organização das fotografias: as fotografias retiradas das reportagens identificadas eram organizadas sequencialmente em pastas por ano, mês e dia. Por último, a fotografia era nomeada pela página em que se encontrava na edição. Assim, seguindo o exemplo da catalogação, caso fosse interessante encontrar uma reportagem sobre a Wallig, que no fichamento indicasse tal data “25/07/1958”, iríamos neste arquivo de fotografias, buscando pela pasta correspondente ao ano de 1958, em seguida pela pasta correspondente ao mês de julho (07) e por fim, buscaríamos a pasta que representasse o dia 25 encontrando a fotografia almejada.

Assim se deram os primeiros passos da pesquisa. Ao analisarmos os primeiros números do DB, pouco encontramos sobre o trabalho e os trabalhadores; os nossos achados iniciais se resumiram a pequenas reportagens sobre algumas greves deflagradas nos estados do Sudeste. Esta falta de sucesso nos desmotivou logo no início gerando certo desconforto: de que iríamos falar se nada havia ali sobre trabalho e trabalhadores? A resposta veio logo em seguida durante a primeira reunião com o orientador da pesquisa, que abriu nosso foco de observação ao falar de pequenos detalhes que até então não havíamos considerado.

Discretos editais sobre vagas de empregos em indústrias recém estabelecidas ditavam os padrões de empregados que se exigiam naquelas empresas; reportagens sobre a chegada de diretores de empresas que aqui aportavam com o intuito de estabelecer filiais de suas indústrias; propagandas nos cantos das páginas sobre diversas metalúrgicas ou indústrias de couro já situadas em Campina e seus variados produtos e reportagens que falam sobre a necessidade de educação e instrução da população que pretendesse seguir um ofício nas indústrias. É certo que naquele momento, a cidade de Campina Grande vinha se preparando de todas as formas possíveis para o desenvolvimento de seu setor industrial. O entusiasmo que a elite campinense tinha com este setor ficava claro com o acompanhamento que as notícias faziam das visitas dos principais representantes de conglomerados da indústria nacional e internacional.



Diário da Borborema – 27 de janeiro de 1967. Nº 2097 pg. 1

Com o desenvolvimento da pesquisa e a cobertura de mais anos do recorte temporal proposto pelo projeto, conseguimos destacar reportagens mais expressivas que se encaixam adequadamente dentro de nossas expectativas, como a exemplo da chegada da empresa Wallig Nordeste S/A – Indústria e Comércio, já vista como a “coroação” da “Rainha da Borborema”, consagrando Campina Grande como a capital do trabalho na Paraíba. Deparamo-nos ainda com o acompanhamento jornalístico da construção e

inauguração do Açude do Boqueirão, visto como uma importante obra para a modernização industrial de Campina Grande.

Exatamente neste momento, quando as primeiras reportagens pertinentes a nossa pesquisa se destacavam, percebemos também que para que os 23 anos compreendidos entre 1957 e 1980 fossem analisados dentro do tempo previsto para o projeto, ou seja, um ano, teríamos que modificar a maneira de abordar a fonte, já que no ritmo que se encontrava, claramente seria algo impossível para ser desenvolvido por apenas um pesquisador. Desta forma, buscamos outras saídas que pudessem maximizar a eficiência das quatro horas diárias de trabalho que tínhamos condição de desempenhar no arquivo.

Ao entendermos que seria impossível ler, identificar, fotografar, fichar e organizar com apenas um pesquisador todas as reportagens interessantes à pesquisa, levando em consideração 23 anos de um jornal diário, com no mínimo 8 páginas em cada exemplar, – totalizando, em média, quase 40.000 páginas – procuramos uma nova metodologia para que a pesquisa pudesse cumprir com o cronograma.

Assim, buscamos uma maneira de aumentar o ritmo de cobertura do jornal dentro das 4 horas diárias que tínhamos disponíveis no arquivo. Ler, fotografar – em posturas muitas vezes desconfortáveis – e fichar o jornal demandava muito tempo e trabalho e por isso, decidimos priorizar a digitalização do jornal, sem leitura prévia. O jornal assim seria completamente digitalizado dentro do recorte temporal proposto pela pesquisa, onde mais tarde, poderia ser acessado pelo pesquisador bolsista a qualquer momento. Expandia-se o tempo de trabalho possível para além do que a empresa que gerenciava o arquivo do DB permitia.

Mas o “porém” do desconforto e até da inadequação de se retirar fotos sem um suporte fotográfico que permitisse uma foto única de uma folha inteira do jornal, além é claro, da falta de uma câmera digital de maior resolução que permitisse uma foto onde os textos e imagens do jornal pudessem ser visualizados com a mínima definição, atrasaram um pouco a pesquisa. Assim, buscamos adquirir uma nova câmera com capacidade superior em resolução além de um suporte adequado para este tipo de fotografia³. Este que apesar de ter sido construído artesanalmente foi de suma importância na aceleração do processo de digitalização.

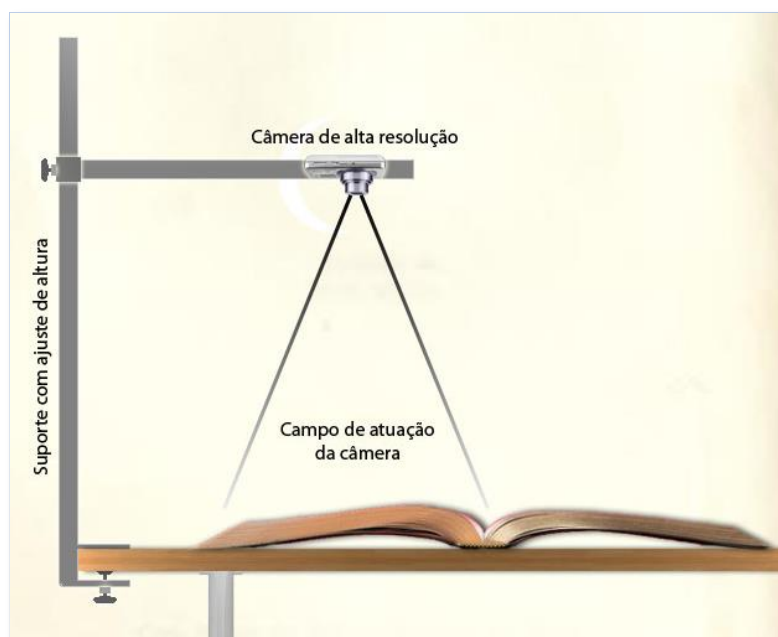


Imagem ilustrando o funcionamento do suporte artesanal

Antes mesmo de receber a câmera digital e ter o suporte artesanal pronto, recebemos uma notícia da empresa que gerencia o arquivo do Diário, avisando que o mesmo seria fechado e, por isso, deveríamos apressar o nosso trabalho. É importante mostrar que o acesso a tal acervo vinha sendo dificultado nos últimos anos, principalmente desde o fechamento do Diário da Borborema em fevereiro de 2012. Assim, desde o nosso primeiro momento no arquivo, tal empresa questionou nossos “interesses” naquele lugar, exigindo declarações por parte da UFCG, comprovações do caráter acadêmico de nossa presença ali. Mesmo o acesso a nós sendo permitido, havia sempre um ar de desconfiança com o nosso trabalho. Apesar de nos fazermos presentes quase todos os dias da semana, sempre éramos questionados sobre o nosso trabalho, nossos interesses. Com o tempo, percebemos que toda esta desconfiança emanava dos

³ Agradecemos ao Professor Luciano Mendonça de Lima pela sugestão de um suporte ideal à realização do nosso trabalho.

superiores de tal empresa, localizados na cidade de Recife, onde os funcionários que aqui atuavam, apenas “seguiram ordens”.

E entre os dias permitidos e os proibidos de trabalho, os olhares desconfiados, a ameaça eminente do arquivo ser fechado e a pressão do tempo de conclusão da pesquisa, empreendemos uma segunda metodologia de pesquisa, que agora priorizava totalmente a digitalização do mesmo, já que sem ele, a pesquisa seria impossível. Esta segunda metodologia, se desenvolveu da seguinte forma:

1. Digitalização total dos jornais: agora, ao contrário da primeira metodologia, seguimos direto para a digitalização do arquivo, onde todos os jornais compreendidos entre os anos de 1957 e 1980 deveriam ser digitalizados com o auxílio de nossos novos equipamentos que possibilitavam fotografias mais planas sem tantas sombras e inclinações. Para que o processo seguisse da forma mais rápida possível, primeiro eram fotografadas as páginas ímpares do volumes encadernados, para que apenas as folhas fossem viradas, sem tirar o caderno do lugar. Após concluir as páginas ímpares, mantendo o suporte e a câmera no mesmo lugar, movíamos o volume para que agora as páginas pares fossem enquadradas pela máquina fotográfica, seguindo o mesmo processo de passar as páginas, umas atrás da outra.

2. Organização das fotos: já que sequencialmente no cartão de memória da câmera digital as fotos se encontravam sem sequência entre pares e ímpares do jornal, tínhamos como trabalho, após uma tarde de digitalização no jornal, a organização destas fotos, de forma que cada pasta correspondesse a um volume digitalizado. Dentro delas, colocamos outras pastas sinalizando os meses que continham em cada volume. E por último, nesta última pasta, se encontravam todas as páginas organizadas sequencialmente de cada mês.

Apesar de não ser tão descritiva e minuciosa como a primeira metodologia aplicada, deve-se levar em consideração a velocidade com que fomos obrigados a atuar. Não só pelo tempo que ainda faltava para a conclusão do primeiro ano da pesquisa, como também o eminente fechamento do próprio arquivo. Este que nos dois últimos meses da pesquisa, junho e julho, entrou em reforma sem aviso prévio e foi movido para outro setor do prédio em que se encontrava, dificultando mais ainda o acesso ao mesmo. Após o remanejamento de todos os volumes encadernados, precisamos de certa forma “improvisar” novos suportes e iluminações adequadas para as fotografias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA PESQUISA

Com a leitura e o estudo sobre o tratamento de arquivos e fontes para pesquisa histórica, percebemos que para a produção de um saber historiográfico, é necessária a utilização de fontes que irão respaldar nosso discurso. Para este ofício, nos valem dessas fontes que formam o chão do passado por onde pretendemos caminhar. Vestígios de uma época, espaço e sociedade que só temos noção de sua existência graças a estas marcas que permaneceram no tempo. Como um detetive que precisa das pistas para desvendar um crime, o historiador se vale de suas fontes para representar o passado.

Há alguns anos, mais precisamente entre o fim do século XIX e início do XX, na perspectiva da História Positivista, a fonte tinha um caráter de verdade indubitável e oficial, que serviria para resgatar um passado glorioso de grandes homens e nações, um passado dignificante, sem espaço para pobreza, doenças e miudezas. Assim, a fonte se torna a prova objetiva e escrita que falava por si só, sem nenhuma influência crítica ou subjetiva do historiador. Um documento que fundamentaria o fato, dando espaço para a construção da ciência proposta neste momento como História, ciência que não pretendia menos do que a verdade absoluta. Mas hoje o historiador já tem consciência do relativismo de seu ofício. A história não possui mais a capacidade de produção de um discurso que abarque totalmente o passado que se pretende elucidar. Não há um resgate de uma época, nem a garantia de que esta seja completamente real. Mas há a certeza de que esse tempo reconstruído seja ao menos “possível”, abandonando assim a ideia de verdade e substituindo-a pela ideia de “verossimilhança”.

O próprio conceito de fonte também acaba se modificando para caber neste novo modelo de produção. Se antes, eram testemunhas neutras de um passado as fontes hoje estão entregues às mãos treinadas dos historiadores que as desconstróem, as localizam no tempo e no ambiente de sua produção, iluminam os interesses por trás de sua existência e contextualizam-nas. Pois, “o fundamental em cada história abordada não é descobrir ‘o que realmente se passou’ [...] e sim tentar compreender como se produzem e se explicam as diferentes versões” de um mesmo momento histórico (CHALHOUB, 1986: 22).

Mas a mudança no conceito de fonte não se deu de um momento para outro. Leandro Karnal e Flavia Galli Tatsch sugerem que restringir ou expandir o conceito de documento é o mesmo que limitar ou ampliar os passados que podem ser representados por nós historiadores. O ponto de partida para a passagem desta fonte completa e inquestionável para a ideia que temos hoje de fonte histórica como um

“documento/monumento”⁴, produção de memória de uma determinada época, acontece com os primeiros passos da Escola dos Annales. Com este movimento, há uma transformação na maneira como os historiadores se voltam para sua própria disciplina.

Além das novas abordagens e perspectivas, há o que chamamos de problematização da história. Não só questionando as fontes que se pretende utilizar, mas também problematizando o passado a ser representado. Esse questionamento faz com que o historiador deixe apenas de narrar os documentos, distanciando-se do simples determinismo histórico que considera as fontes como documentos incontestáveis dos acontecimentos. Em sua terceira fase os historiadores vinculados à Escola dos Annales irão empregar com maior intensidade o que chamamos hoje de interdisciplinaridade. De acordo com Tania Regina de Luca, essa interdisciplinaridade causada pelos “aportes analíticos provenientes de outras Ciências Humanas, [...] traziam contribuições importantes” que acabavam forçando “o historiador a refletir sobre as fronteiras da sua própria disciplina, cada vez mais difíceis de precisar”. Algo que também impulsionou uma maior abrangência da noção de documento para o historiador. Com a possibilidade de trabalhar com novos objetos de estudo, o historiador acaba se valendo de novas fontes que tornassem seu trabalho possível diante dos novos modelos de construção de discursos sobre o passado.

“Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, especializado para esse uso... Que historiador das religiões se contentaria em consultar os tratados de teologia ou as recolhas de hinos? Ele sabe bem que sobre as crenças e as sensibilidades mortas, as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário das tumbas, têm pelo menos tanto para lhe dizer quanto muitos escritos.” (LE GOFF, 1994: 540)

Independente da perspectiva teórica utilizada, a escolha das fontes não deve ser guiada apenas pelo objeto e pelos objetivos da pesquisa, mas também pelo recorte temporal e pela problemática levantada. Além disso, deve-se considerar o documento como apenas mais “um” dos inúmeros discursos possíveis produzidos em determinado momento, pois, como qualquer produção humana, está sujeita às subjetividades da época, do autor e de suas intenções. Logo, cabe ao historiador identificar as minúcias e características que validem a autenticidade do documento e seu valor historiográfico para a pesquisa. Assim, se torna impossível negar que ao longo do desenvolvimento da história, os periódicos, como meios de informação, viram-se impregnados por relações de dependência com pessoas ou instituições de poder, sejam estes de caráter econômico, político ou sociocultural. Dessa maneira, a imprensa acaba muitas vezes funcionando como intermediária na transmissão dos ideais dessas instituições e pessoas, promovendo seu poder na sociedade. Uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2005: 116). Logo, é natural que durante muitos anos a utilização da imprensa como fonte de estudo para pesquisas em história, tenha sido ignorada graças ao seu caráter subjetivo, sendo os seus discursos manipulados. Como mostra Tania Regina de Luca, “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2005: 112).

Como já dito anteriormente, com a Escola dos Annales, há uma busca por novos horizontes de pesquisa, ocasionando também a possibilidade do historiador de se valer de novas fontes históricas. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, acaba sendo reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época. Mas é imprescindível o cuidado que o historiador deve ter ao manejar esta ou qualquer outra fonte em sua pesquisa.

“No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF, 1994: 548)

O documento histórico oriundo da imprensa não pode ser considerado o reflexo da realidade, mas o lugar onde há a representação do real. Logo, ao se trabalhar com notícias de jornais, deve-se ficar atento à subjetividade dos redatores e do corpo editorial responsável pelo material trabalhado. Ora, todo autor está ligado a sua classe social e ao seu momento histórico, portanto aí reside a impossibilidade de sua imparcialidade, pressuposto básico que conduziu uma vez a pesquisa positivista. E exatamente neste ponto que os Annales se diferenciam ao compor uma interpretação e análise alterando desse modo o conceito de

⁴ A expressão “documento/monumento” é utilizada por Jacques Le Goff no livro “História e Memória” onde ele esclarece que o principal dever do historiador é a crítica do documento independente de sua natureza (escrita, oral, sonora, etc.), documento este enquanto monumento, ou seja, perpetuador voluntário ou não de um passado. Isso é o que irá possibilitar que o historiador possa utilizá-lo na produção de sua representação do passado.

documento. Essa subjetividade normalmente é influenciada quando se pensa no público-alvo e nas funções sociais propostas pelo texto já que os meios de comunicação de massa determinam a construção da realidade dos seus públicos.

Todos esses aspectos fazem com que o pesquisador acabe recorrendo a outros tipos de documentos no intuito de responder mais claramente seus questionamentos. Questionamentos estes que devem ser mantidos em posição de destaque durante a pesquisa: "Quem eram as pessoas que tinham interesse ou acesso a esta leitura? Qual o discurso político e ideológico do editorial de determinado periódico?" Além desses questionamentos, a análise de aspectos físicos e condições técnicas de sua produção devem ser considerados na abordagem à fonte. Mas, apesar de todo o trabalho e atenção necessários, as qualidades e peculiaridades do periódico o tornam único e extremamente útil como fonte histórica. A mais destacável delas é a própria periodicidade, onde os jornais acabam se constituindo em verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos em questão. Outra é a disposição espacial da informação no impresso, permitindo a visualização de um acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. Também torna mais fácil o entendimento de um cotidiano social em determinado recorte temporal, suas principais preocupações e interesses, além de outros fatores que norteavam o imaginário daquele momento.

Algo que também deve ser considerado é que ao acompanhar determinado jornal, se torna mais fácil visualizar a ocorrência de transformações na sociedade. É importante sempre ter em mente que não adianta isolar um fato e analisá-lo fora de seu contexto, precisamos atentar para as esferas sociais, políticas e econômicas nas quais o objeto de estudo esta inserido. Nada melhor que uma fonte que acaba se tornando o resumo diário, semanal, quinzenal, etc. dos principais interesses de determinado lugar. Mais do que isso, observar os motivos pelos quais determinados interesses ganharam destaque pela imprensa, enquanto outros permaneceram silenciados por ela.

Já nos voltando para os arquivos como ambiente de trabalho para o historiador, se reconhece hoje que boa parte das grandes obras da historiografia foram pesquisadas e desenvolvidas em arquivos das mais variadas origens. Sejam repartições públicas, arquivos particulares, arquivos cartoriais, ou de qualquer outra instituição, estes ambientes ainda despertam os interesses de muitos historiadores. Na verdade, é difícil encontrar profissionais desta área interessados em desenvolver uma vida acadêmica sem que ainda não tenham frequentado um arquivo. Seja pelo entusiasmo dos aspirantes a historiador ou por incentivos financeiros das bolsas científicas, estes alunos se aventuram por entre as pilhas de papéis velhos na esperança de encontrar "o documento" que se tornará a pedra fundamental de sua pesquisa. Mas para que ocorra um aproveitamento total destes ambientes, seja em suas capacidades historiográficas, seja no desenvolvimento das pesquisas desses alunos, é necessário que haja por parte dos cursos um maior cuidado na preparação destes futuros historiadores ao ambiente muitas vezes hostil do arquivo.

"Tal demanda nem sempre é bem correspondida pelo que as grades curriculares dos cursos de História oferecem. Em sua maioria, as disciplinas centram seus programas na fundamental discussão historiográfica, deixando, porém, de dar maior atenção às fontes documentais que nortearam essa produção." (BACELLAR, 2005: 23-24)

Mas para além da necessidade de orientação, há também a necessidade do próprio contato com o arquivo. Ver e tocar as fontes históricas, documentos "guardiões do passado", monumentos que resistiram ao tempo e trazem consigo discursos de outrora, dia após dia, lidos, analisados, fichados, é o que irá forjar as habilidades de pesquisa do historiador. Claro que orientação e leitura prévia sobre arquivos e pesquisa auxiliam bastante no processo, mas o entusiasmo em por a "mão na massa", além da simples prática, estimula o historiador a prosseguir com seu trabalho.

E ao mencionar estímulo, pretendemos aqui esclarecer que a pesquisa em arquivos não é fácil. A realidade nem sempre atende a todas as nossas expectativas inocentes sobre um local ideal e adequado de trabalho para o pesquisador ou de preservação das fontes e o acesso a elas. Os arquivos, muitas vezes chamados de "arquivo-morto", acabam sendo confundidos com depósitos de documentos e papéis velhos sem nenhuma função aparente. Não é de se estranhar que muitas vezes esses arquivos sejam localizados em quartos escuros, úmidos e pequenos. Com esta visão, se percebe o desafio em que a pesquisa pode se transformar. Funcionários problemáticos, burocracias desnecessárias, documentos mal organizados e mal preservados, falta de estrutura para o trabalho de pesquisa, além do constante risco de desenvolver doenças respiratórias. Mas isso, de acordo com Carlos Bacellar, não deve esmaecer o verdadeiro brilho que a pesquisa nestes arquivos pode atingir.

"Portanto, o historiador tem sempre pela frente o desafio de permanecer por meses, quando não por anos, nesses ambientes pouco acolhedores em termos de conforto e de condições de trabalho, mas em um esforço que quase sempre levará a alcançar resultados muito gratificantes. Encontrar os documentos que servem ao tema trabalhado é uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer, e os move a novamente retornar à pesquisa." (BACELLAR, 2005: 49)

Desta maneira, o trabalho e o empenho nestes arquivos sempre vêm acompanhados de uma pesquisa bem-sucedida. Não se deve desanimar com os arquivos desorganizados ou com a dificuldade em se encontrar determinado documento, pois como diria Marc Bloch (citado por Le Goff), “não obstante o que por vezes parecem pensar os principiantes, os documentos não aparecem, aqui ou ali, pelo efeito de um qualquer imperscrutável desígnio dos deuses” (LE GOFF, 1994: 548). Assim, desempenhamos este trabalho árduo acreditando que boa parte de nosso sucesso acadêmico pudesse da mesma forma se desenvolver a partir deste projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem melhor poderia nos dar indícios sobre as ações dos agentes sociais de determinada época se não os discursos emoldurados pelas reportagens e fotorreportagens contidas num jornal diário de tal importância dentro do contexto nacional? Ora, o Diário da Borborema era antes de tudo um jornal ligado aos Diários Associados, sistema de mídias criado por Assis Chateaubriand, que por muitos anos foi considerado o maior do país. Neste conglomerado empresarial, numerosas empresas de mídias impressas, canais de rádio e televisão se uniram formando o império midiático que “Chatô” presidiria até o ano de sua morte, em 1968. Logo, a pesquisa ganha ânimo a cada folha de jornal virada e marcada com um singelo marca-texto que por algum indício, recorda o momento na qual ele foi colocado ali naquele volume. Folhas datilografadas que a muito não se vê, permeadas por manchas amareladas, anotações formadas por garatujas que nem o mais bem treinado paleógrafo conseguiria transcrever, bilhetes de linhas de ônibus que não mais existem. Sinais que os próprios pesquisadores que ali trabalharam deixaram para trás, sem perceber, vestígios daqueles que se propuseram elaborar outras representações sobre o passado para o qual estamos nos voltando agora.

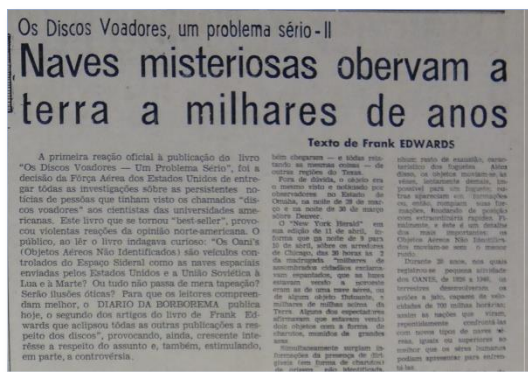
Representações de um passado que chega a nós por imagens escuras e desbotadas, que exigem certa paciência em determinar o que realmente se encontra ali. Também nos força a questionar o motivo de tantos outros símbolos não estarem presentes. Títulos de reportagens produzidos por editores que visivelmente não seguraram a língua no momento de desmerecer os criminosos e “meliantes” fichados pela polícia, fotografados e comumente destacados nas últimas folhas do Diário. Propagandas de um mundo novo de produtos que chegam aos campinenses pouco a pouco, juntamente com as empresas que aqui se instalaram durante os anos: carros em seus diversos modelos e funções, caracterizados pelos seus “horse power” de potência, deviam fazer inveja a qualquer um que não os possuísse; eletrodomésticos que simbolizavam progressos modernizadores, suscitando desejos e desafiando o poder aquisitivo dos campinenses mais abastados (não era qualquer um que poderia adquirir uma televisão de marca alemã ou um fogão a gás encontrado até então apenas nos estados mais ao Sul do país); propagandas de materiais e ferramentas de uso rural são constantemente encontrados entre as reportagens, o que nos faz pensar até que ponto a cidade de Campina Grande era predominantemente urbana dentro deste recorte histórico que destacamos na pesquisa.

Outra constante também que encontramos principalmente nas páginas dedicadas à cultura, à sociedade e ao lazer, são os principais destaques diários dos cinemas campinenses, que iam desde grandes sucessos hollywoodianos às chanchadas protagonizadas por Oscarito e por Grande Otelo, que moldavam as atitudes e os costumes dos espectadores. Tomadas de cenas que traziam hábitos que iam aos poucos sendo vividos pelos campinenses: o entusiasmo pela velocidade em motos e carros, o consumo do cigarro como símbolo de sofisticação e elegância, romances vividos às escondidas entre as poltronas do cinema (que provavelmente foram “reinterpretados” entre as sombras proporcionadas pelas salas do Cine São José, Cine Capitólio, Cine Babilônia e Cine Avenida), entre outros. Para além dos próprios cinemas e filmes, encontramos resumos e resenhas produzidos pelo jornal que se ocupava em destacar os principais filmes em cartaz, falando das impressões e tecendo críticas sobre as inverossimilhanças com a realidade no caso daqueles filmes que falassem do fantástico e do ficcional, deixando um pouco do artístico e do sentido do entretenimento de lado.

E considerando essa crescente “necessidade de velocidade” que era forjada nas páginas do Diário, podemos observar, por exemplo, o caso da “I Ginkana de Lambrettas de Campina Grande”, prova de caráter “humorístico-desportiva” organizada pelo próprio Diário da Borborema juntamente com as rádios Borborema e Cariri. A reportagem principal que anuncia o evento menciona o crescente número de lambrettas em circulação na cidade, o que impulsionou a criação do evento que, para além da movimentação comercial, de certa forma tinha intuídos midiáticos, não só dos fornecedores e lojas que auxiliaram na promoção do evento, mas também do próprio jornal que o organizou.

Já levando em consideração o contexto histórico em que os primeiros exemplares do Diário da Borborema estão inseridos, ou seja, em 1957, encontramos diversas reportagens que tentam trazer para os campinenses um pouco dos acontecimentos internacionais que de algum modo, influenciavam o Brasil como, por exemplo, os lançamentos de satélites por parte da União Soviética ou dos Estados Unidos.

Reportagens que cobriam a criação de novas teorias sobre as viagens espaciais e cálculos matemáticos que previam a chegada do homem a Marte até o fim do século XX. Relatos de todo o país sobre as ondas de rádio captadas pelos satélites que, vez ou outra, eram observados de relance pelos pedestres.



Diário da Borborema – 12 de abril de 1967. Nº 2156 pg. 7

Relatos estes que com o passar do tempo foram descritos também por campinenses cada vez mais entusiasmados pela ideia de “universo” e “espaço sideral”. Houve até um caso que gerou enorme estardalhaço em Campina Grande quando foi tomada uma foto de um pretense satélite russo por um dos leitores do Diário e publicado no jornal. Algum dia mais tarde, depois de muita discussão sobre o acontecido, esclareceu-se que a tal foto na verdade era de uma sonda meteorológica que, diante dos olhos extasiados pelas novas possibilidades tecnológicas, simplesmente fora confundida com um satélite.

Já considerado a cobertura jornalística da política no âmbito nacional, o Diário da Borborema não mede linhas nem espaços para mostrar o trabalho do presidente Juscelino Kubitschek, que é visto pelo periódico como o responsável pela modernização da Rainha da Borborema, não só com a construção do Açude do Boqueirão, mas com a atração de importantes empresas e indústrias que iriam modernizar e ocupar o distrito industrial de Campina Grande. O plano desenvolvimentista adotado por Juscelino, a modernização industrial do Nordeste e a criação da SUDENE denotam uma considerável atuação do presidente na região. Mas seu destaque nas páginas do Diário deve-se também ao forte envolvimento de Chatô na campanha de eleição de JK.



Diário da Borborema – 10 de janeiro de 1963. Nº 1730 pg. 8

Chateaubriand, além de jornalista e empresário, era também político membro do mesmo partido que Juscelino. Sua participação na campanha de Juscelino vem desde antes do PSD o destacar como principal indicação do partido para a presidência do país. Desta forma, é mais do que normal que o Diário da Borborema destacasse e, em algumas reportagens, venerasse a imagem do presidente. O jornal, como qualquer outra mídia, segue interesses e ostenta opiniões congruentes aos de seus empresários. Logo, não seria diferente nos níveis estadual e municipal este jornal destacar e promover as candidaturas de figuras como Rui Carneiro e Severino Cabral, colegas de partido de Chateaubriand.

De todas estas possibilidades e consequente entusiasmo com tal fonte, encontramos, naturalmente, reportagens que remetessem ao objeto de nossa pesquisa. Como dito antes, apesar de certa dificuldade inicial para destacar reportagens pertinentes, logo se conseguiu treinar o olhar quase que detetivesco para vasculhar as páginas dos jornais em busca de informações que pudessem contribuir para nosso trabalho.

Das dificuldades – que teimam em aparecer – podemos citar, por exemplo, as de se adquirir os instrumentos corretos para reprodução da fonte, desde uma câmera fotográfica de alta resolução e a construção de um suporte de metal capaz de possibilitar fotografias completas de cada uma das páginas dos jornais para permitir a cobertura completa do recorte temporal proposto pelo projeto em tempo hábil, passando pelas pressões impostas pelas disciplinas que ora cursamos na Licenciatura em História desta UFCG. Importa, todavia, que o nosso trabalho com esse projeto possa nos dar subsídios suficientes para a elaboração de um bom trabalho de conclusão de curso assim como para um futuro projeto de mestrado – outro grande objetivo que perseguimos.

Para além das resistências diárias, há ainda as resistências que a própria documentação impõe ao nosso trabalho, como a deterioração dos volumes mais antigos do Diário da Borborema, datados do fim da década de 1950, tornando-se frágeis para o manuseio e perigosos para a saúde diante dos fungos que ali devem existir. Mas nada que instrumentos corretos de trabalho e proteção como pinças, lupas, luvas e máscaras não possam amenizar o esforço e maximizar os resultados da pesquisa. O ambiente de trabalho se revelou bem agradável seja pelo silêncio existente ali (interrompido apenas pelas gentilezas que “Seu Bui” nos fez ao trazer um generoso café, ou pela seleção musical escolhida para o momento) seja pelas reflexões que fazemos sobre nossos dias que têm sido ritmados pelo trabalho que realizamos ali, entre os flashes da câmera fotográfica e o contínuo folhear das velhas páginas do Diário. Mesmo que as pressões impostas pela burocracia do lugar em muitos momentos tenham alimentado nossa desistência, de alguma forma, trabalhar por entre esses papéis desse arquivo se tornou algo extremamente prazeroso ao passo que encontramos novas possibilidades de trabalho diante dos *insights* proporcionados pela rápida leitura das reportagens ali dispostas. Ao abarcar diferentes esferas da sociedade, são muitas as possibilidades abertas ao historiador para a produção de diferentes discursos a partir de um mesmo periódico.

Assim, a cada folha amarelada alcançada, encontramos novas possibilidades que se abrem para pensarmos sobre o passado de Campina Grande. São histórias aparentemente pequenas, mas interessantes e importantes, riscadas pelas linhas do estranhamento, que nos chamam a atenção, nos fazem viajar por um tempo que só existe ali graças àquele jornal. Essa experiência de pesquisa nos tem levado a refletir sobre a nossa contemporaneidade na medida em que tendemos a compará-la a esse passado tão próximo de nós, nos levando a imaginar como determinadas coisas mudaram tanto, mas, ao mesmo tempo, como o nosso tempo e os nossos meios nos permitem trazê-las aos debates acadêmicos e historiográficos dos quais agora participamos.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados já expostos, a conclusão da pesquisa, apesar de todos os esforços, não conseguiu atingir toda a digitalização necessária para continuação da mesma. Com as dificuldades encontradas para o acesso ao arquivo, conseguimos atingir 20, dos 23 anos previstos pelo recorte temporal. Mesmo tendo boa parte do trabalho de digitalização concluído, os últimos anos do recorte compreendidos entre 1978 e 1980 são de extrema necessidade para o entendimento do fechamento da empresa Wallig do setor industrial de Campina Grande, sinalizando a derrocada das aspirações industriais por parte da elite campinense na cidade. Desta forma, se justificou a renovação do projeto juntamente à CNPq, para um segundo ano de pesquisas. Apesar de todas as ameaças de fechamento do arquivo do Diário da Borborema, este ainda permanece aberto para a conclusão da digitalização.

Mesmo não concluindo toda a digitalização neste ano de pesquisa, estamos felizes por todos os resultados obtidos. A aceleração do ritmo de cobertura digital do jornal (expresso nos gráficos a seguir) permitiu que não só esta pesquisa, mas muitas outras que possam vir a ser planejadas e desenvolvidas dentro de nossa graduação e pós-graduação tenham acesso a este material. Com as facilidades tecnológicas de nosso tempo, em poucos instantes, uma cópia deste material pode ser reproduzido sem muitas dificuldades, driblando os contratempos possíveis e poupando outros pesquisadores das dificuldades a que estivemos expostos.

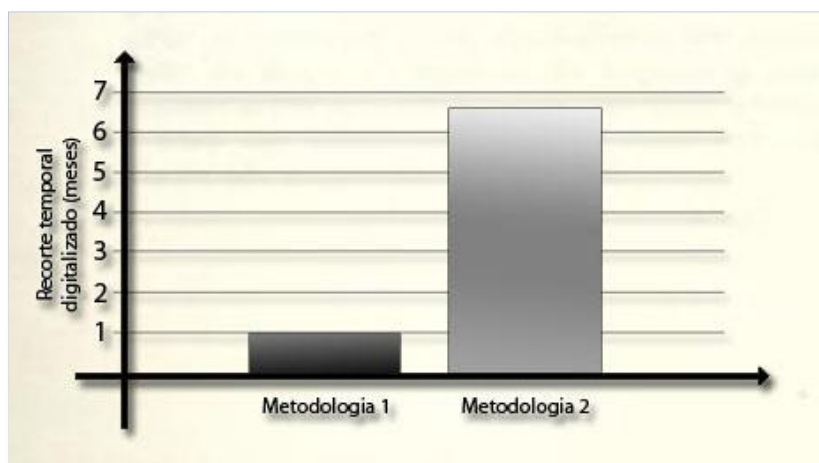


Figura 1. Comparativo entre as duas metodologias aplicadas na pesquisa e suas eficiências em um dia de trabalho.

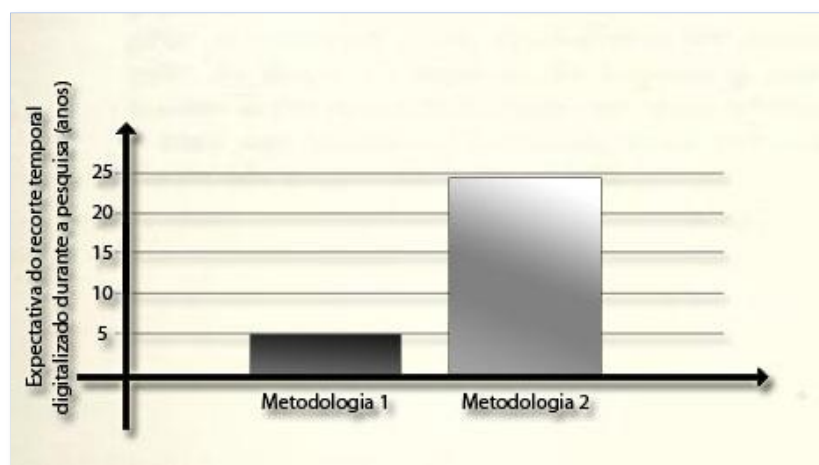


Figura 2. Comparativo entre as expectativas de anos digitalizados correspondentes a cada uma das metodologias aplicadas até o prazo final da pesquisa.

A nossa expectativa é que com a conclusão deste processo, seja retomada a leitura do jornal seguindo a primeira metodologia apresentada para entendimento do processo de ascensão e queda da indústria campinense; claro, com ênfase nos discursos e representações expostas pelas notícias do Diário da Borborema, destacando o papel do trabalho e do trabalhador industrial dentro deste contexto histórico.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pelo financiamento do projeto e pela concessão da bolsa PIBIC;

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Severino Cabral Filho pela oportunidade de pesquisa, paciência e orientação;

Aos funcionários atuantes no arquivo do Diário da Borborema, pela ajuda e compreensão com o nosso trabalho;

A todos os colegas e amigos que contribuíram de alguma forma, nos incentivando a persistir nesta jornada.

REFERÊNCIAS

FONTES

Jornal *Diário da Borborema*, 02 de outubro de 1957;
Jornal *Diário da Borborema*, 05 de outubro de 1957;
Jornal *Diário da Borborema*, 10 de março de 1958;
Jornal *Diário da Borborema*, 10 de janeiro de 1963;
Jornal *Diário da Borborema*, 07 de fevereiro de 1963;
Jornal *Diário da Borborema*, 02 de janeiro de 1967;
Jornal *Diário da Borborema*, 24 de janeiro de 1967;
Jornal *Diário da Borborema*, 27 de janeiro de 1967;
Jornal *Diário da Borborema*, 12 de abril de 1967.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da História. X Encontro Estadual de História. 26 a 30 de julho de 2010. Santa Maria - RS. Disponível em <[http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs\[1\].pdf](http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs[1].pdf)>. Acesso em 03 jan. 2013.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

CABRAL FILHO, Severino. A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). Tese de Doutorado. João Pessoa, UFPB/PPGS, 2007.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (organizadoras). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. Lazer permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965). Tese de Doutorado em História. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2002.